



FOLHA POLITICA E LITTERARIA.

SUBSCREVE-SE A 2\$500 RS. POR TRIMESTRE (13 NUMEROS) E VENDE-SE CADA FOLHA AVULSA A 200 RS. NESTA TYP.

SABBADO 13 DE MAIO.

MARANHAO TYPOGRAPHIA DA TEMPERANCA, IMPRESO POR MANOEL PEREIRA RAMOS, NA RUA FORMOZA CAZA N. 2.

EXTERIOR.

Correspondencia do Jornal do Commercio.

Paris, 24 de fevereiro.

—O incendio ateado na Italia pela insurreição da Sicilia tem ganhado e vai ganhando terreno todos os dias. Aos gritos de constituição proferidos em Nápoles, respondeu o echo em Turim com passma fidelidade, porque todas as expressões repetio até á ultima syllaba. No dia 5 dirigio a municipalidade a el-rei uma petição, em que lhe supplicava se dignasse conceder instituições representativas ao paiz; no dia 8 estava a petição despachada por meio de um decreto que não tem mais diferença daquele em que Fernando II prometeu ao reino das Duas Sicilias uma constituição á franceza, se não que, em lugar de nenhuma outra religião, além da católica, ser tolerada como em Nápoles, todas o deverão ser em Sardenha, ficando comtudo a religião católica declarada religião do estado. Se, antes da cousa realisada, me tivessem commetido apostia sobre o caso, sem o mais pequeno reparo teria posto mil contra um a favor do resultado opposto; agora, porém, que o facto está consummado, já vejo aonde tudo isto vai dar, e já nenhuma duvida tenho sobre a interpretação de todo este rebolico de guerra de que a Sardenha está agitada, e sobre a dos preparativos muito maiores da Áustria, que lá está organizando as suas forças de artilharia a toda a pressa, e lá fez na fabrica prussiana de Solingen uma encomenda de 7.000 sabres, por não serem suficientes as do imperio para todos os fornecimentos de armamento de que precisa.

O que tudo isto quer dizer é que a guerra entre Sardenha e Áustria parece-me inevitável: Carlos Alberto acaba de passar o Rubicon para marchar á conquista da Italia. Do mesmo modo que Constantino o Grande se servio do christianismo, em que não era, para subir por cima delle ao throno do imperio, assim o rei de Sardenha está fazendo das instituições representativas, em que não tem a minima confiança, degrão para subir ao throno da Peninsula italiana. O primeiro cartel de desafio por elle enviado á Áustria será uma promessa de constituição que, mais dia menos dia, ha de ser feita á Lombardia. Se o incendio pega com esta mecha, bem pôde a casa de Habsburgo ir fazendo as suas despedidas á coroa de ferro, porque com toda a certeza lhe vai cahir da cabeça, uma vez que se não apresente em campo para acudir lhe a vis á tergo da Russia. Quaesquer que

sejam as forças de que Áustria possa dispor, não as sopponho suficientes para resistir ao magnifico exercito piemontez, que é o mais bem organizado de todos os da Europa (sem excepção de França), apoiado por uma sublevação geral do reino lombardo-veneziano. Resta porem saber, como já disse, qual será a attitudine da França, Prussia e Russia nessa demanda.

Acontecimento tão importante como o que fica mencionado, não podia deixar de produzir grande abalo em toda a peninsula italiana. Em breve o grão duque de Toscana, seguindo espontaneamente o exemplo de Carlos Alberto, prometteu uma constituição representativa aos seus estados. A proclamação em que esta promessa é feita ao povo pelo soberano, é datada do dia 11; isto é, poucas horas depois de se ter sabido em Florença o que acabava de se passar em Turim.

Sem serem tão importantes, como os do Piemonte e de Toscana, os acontecimentos do reino lombardo-veneziano, não são por isso menos significativos. Padua teve tambem no dia 8 a sua jornada semelhante ás de Milão e Pavia, e pagou o atrevimento com cousa de cincuenta mortos e feridos; de novo correu o sangue em Pavia em uma nova collisão entre os estudantes da universidade e a tropa; Milão, apesar de ser o centro do governo austriaco e a residencia do vice-rei, deu uma nova prova da sua profunda aversão ao domínio da Áustria, talvez ainda mais significativa que todas as precedentes, posto que inerueta. A municipalidade da terra, para mostrar a satisfação que lhe tinha causado a resolução do rei de Sardenha, teve o atrevimento de despojar do seu antigo nome a porta ticinense, que é aquella por onde se sahia para o Piemonte, e de a baptisar com o nome de *Porta Albertina* em honra do rei Carlos Alberto. É a mesma cousa que convidar a dinastia de Saboia para que venha tomar conta da Lombardia, da herança da causa d'Áustria. A resolução das populações de se absterem do uso do tabaco, do jogo da loteria e da frequentaçao dos theatros, tem sido executada com tal perseverança e com tão rara constancia, que só este facto, por si, é argumento suficiente de que avante o odio da dominação é Viena tem entrado pelo coração do paiz desde Milão a Viena.

Em Roma, onde primeiro se originou o turbilhão que vai incendiando toda a peninsula italiana, e que ameaça incendiar a Europa, continuou os mesmos symptos mas de explosão proxima, sem que toda via se tenha por ora realizado acontecimento de gravidade. No primeiro dia do corrente dirigio a nova municipalidade ao povo uma estranha mensagem, convidan-

do-o a celebrar no dia 3 com festas e regosios publicos a insurreição de Palermo, pronocada evidentemente pela iniciativa de Roma. O motivo de semelhante convite, e sobretudo esta affectação de uma mensagem do *Senado ao Povo Romano*, datada do Capitólio, quer dizer muito: quem não vê nella, traduzida em outras palavras, a historia inteiramente revolucionaria de um futuro mui proximo, de certo tem vista curta. O caminho porquem tomou Pio IX, logo desde o primeiro momento do seu reinado, é uma ladeira mui ingreme. Para poder marchar por elle sem perigo, era necessário ir caminhando com muito tiento, e em todo o caso a passo de caracol. Como deitou a correr, adquirio velocidade involuntaria com a carreira, agora quer-se firmar, e não pôde. Atrás da primeira concessão da liberdade de imprensa, instituição completamente absurda em um governo como o de Roma, veio a da guarda civica; atras da concessão da guarda civica ha de vir a daquellas mesmas instituições representativas contra que o pontifice protestava, ainda ha poucos dias, como impativeis com a plenitude da autoridade papal; atras da concessão das instituições representativas.... *Cruz de Cruce! Cruz de Cruce!*

A festividade do dia 3 teve lugar com grandes mostras de entusiasmo e regozijo, e foi constantemente acompanhada do grito sacramental — *Viva Pio IX! Viva Palermo! Viva a Constituição!* Ao passar a comitiva por baixo das janellas do cardenal Altieri, que é o presidente da nova consulta, apareceu o prelado a uma delas, e dirigio ao povo uma allocução de tal maneira extraordinaria, que de cada vez que a leio, não sei se estou acordado, se sonho. Exaltou e louvou a resolução de Palermo, como um acto de heroísmo credor de todos os elogios; observou com estranha complacencia que todos estes felizes acontecimentos erão devididos á sabedoria e generoso procedimento do immortal Pio IX; recomendou a tranquillidade e a ordem, e sobretudo a cessação daquelles gritos, offensivos dos ouvidos pios, de q' acima falei; asseverou, finalmente, que o Santo Padre não só approvava, mas se associava de coração a todas estas demonstrações de satisfaçao pelo feliz resultado da revolução do Sicilia.

Como estão mudados os tempos, e porque estranha metamorphose vai passando a primitiva doutrina dos Apostolos na boca dos seus successores! Quando S. Paulo vivia debaixo da tyrannia de Nero, não se passava um dia sem recommendar aos fieis nas diferentes epistolas que lhes escrevia, a mais completa submissão á autoridade soberana, por ser uma verdadeira emanacão da autoridade divina; ago-

ra eis-aqui um dos seus sucessores que acaba a sublevação de um povo contra um soberano, que alguma cousa difere de Nero, exemplo digno de imitação, e que se gloria de poder atribuir semelhante acontecimento à iniciativa do representante de Jesus Christo sobre a terra! *Cruz sobre cruz! Cruz sobre cruz!*

A nova constituição de Nápoles foi publicada no dia 11. Tudo vai continuando a gyrar neste paiz no mesmo círculo vicioso de concessões e fraqueza da parte do governo, e de arrogância da parte dos revoltados. A concessão de uma constituição à fraceza para o reino das Duas Sicilias, respondeu o governo de Palermo, declarando que a não queria, e que nenhuma outra admitiria, a não ser a de 1812, e além disto garantida por Inglaterra. Replicou o soberano que já mais concederia à Sicília um parlamento especial, e que o mais que podia fazer seria permitir que o parlamento nacional se reunisse alternativamente, ora em Palermo, ora em Nápoles; porém o governo rebelde insistiu na sua pretenção, e de sua própria autoridade convocou o parlamento siciliano para o 1º de março. Estando as cousas nesta figura, concordarão os dous governos de Nápoles e de Palermo em deferir a decisão da pendencia a lord Minto, a quem foi offerecida a missão de mediador, tendo sido para isso chamado de Roma a toda a pressa. Já chegou, e já aceitou; e em consequencia disto, ali cabio Fernando II nas mãos dos seus inimigos, que de certo o hão de tratar nesta occasião como costumão.

Parece hoje fôr de dúvida que quem dirigio e presidiu a todos os acontecimentos de Palermo fôrão os Ingleses. Entre a imensidão de provas que poderão produzir-se desta verdade, eis-aqui a mais recente de todas. No dia 4 ainda a cidadela, ocupada pelas tropas napolitanas, fazia fogo sobre a cidade. Pouco depois deste novo bombardeamento ter começado, pediu o capitão da Fragata ingleza *Vanguarda*, que se achava no porto uma audiencia ao commandante da fortaleza, e obteve-a. Passadas duas horas, tinha a cidadela capitulado. Era a última posição que as forças napolitanas ainda ocupavão em Palermo.

A vista do que fica dito sobre a iminencia de uma collisão entre a Áustria e a Sardenha, é evidente que o estado da Europa é proprio para metter medo; e muito mais medo deve metter, quando se vê que também a Inglaterra está fazendo neste momento preparativos de guerra extraordinarios sob pretexto da possibilidade de uma invasão estrangeira. As declarações que lord Russell acaba de fazer a este respeito na cámara dos communs por occasião de expôr o estado financeiro de Inglaterra, e as necessidades da situação, tem realmente tanto de importante como de aterrador. As circumstâncias do tesouro, disse o primeiro ministro, depois da crise porque o paiz acaba de passar, são com efeito assaz desfavoraveis, e não permitem se não despezas da ultima necessidade; mas a gravidade da situação não permite que se recue diante de sacrificios. A força da marinha de guerra foi elevada, desde 1844, de 24 mil homens a 42 mil; a do exercito de terra teve, durante o mesmo periodo de tempo, um augmento de

mais de 40,000 homens: e comtudo ainda isto não é bastante. É preciso que a força de mar passe por um novo augmento que exigiria uma despesa annual de 164 mil libras esterlinas: é preciso para o exercito de terra outro augmento, que ha de fazer de despesa 200 mil libras por anno: é preciso, finalmente, crear um novo corpo de milícias, cuja despesa annual é calculada em 150 mil libras. Para satisfazer a todas estas despesas propõe o governo: primeiro, a prorrogação por mais cinco annos de novo tributo *income-tax*; segundo, a elevação do mesmo tributo, durante os primeiros dous annos, de 3 a 5 por cento. Reflita cada um na enormidade destas despesas extraordinarias; compare-as com a penuria em que o thesouro se acha actualmente; e diga-me se na suposição da possibilidade de uma guerra universal haverá alguma cousa de exagerado.

Passou na cámara dos communs, em segunda leitura, o *bill* dos Israelitas. Também passou em segunda leitura na dos lords o *bill* para o estabelecimento de relações diplomáticas regulares com a corte Roma; este, porém, salvo modificado com duas emendas tão essenciais, que talvez o governo as não admitta, e venha a ficar tudo em nada. A primeira das duas emendas substitui por toda a parte as palavras: *Pontifice Romano* a expressão: *Soberano dos Estados-Romanos*; a segunda não admite para representante da Santa Sé pessoa revestida de qualquer carácter ecclesiastico que seja.

Parece que o governo tem pressa da votação deste *bill*, porque o considera como pagamento de uma dívida que acaba de contrair para com a Santa Sé. Segundo nesta parte a política de Gregorio XVI, dirigio o papa um rescripto ao clero irlandês prohibindo-lhe toda e qualquer participação nos negócios politicos do paiz; e como, sem a cooperação do clero católico, em Irlanda não se faz nada, a proibição imposta pela Santa Sé equivale a uma sentença de oppressing eterna da parte da Inglaterra. Que Gregorio XVI assim tivesse obrado, ninguém lho leva a mal, por que tales forão sempre os seus principios politicos; mas que Pio IX, que inaugurou no seus próprios estados uma nova era de melhoramentos e de reformas, embarcou a Irlanda de obter, por meios pacíficos, justiça da Inglaterra, é cousa que não entendo.

Depois que os acontecimentos da Itália tomárao tão grande altura, já ninguém fala nos da Suissa. *Dubius doloribus simul obortis, major obscurat alterum*. Entretanto o que se tem passado ultimamente em Berne exige, pelo menos, curta menção. Depois de dous dias de discussão, adoptou a dieta no dia 16 a resposta que deve dar à nota das tres potencias, a que, segundo em outra correspondencia já disse, aderiu igualmente a Russia. Reduz-se tudo a um protesto, exprimido em linguagem mui moderada, contra toda e qualquer ingerencia das ditas potencias nos negócios interiores da confederação. Depois de votada esta resposta, suspendeu a dieta indefinidamente os seus trabalhos, e ficou unicamente reunida a comissão da revisão do pacto.

Parece que diferentes potencias italianas estão fazendo no paiz alistamentos de tropas por sua conta; diz-se que a Aus-

tria fizera saber ao *vorort* que, se os ditos alistamentos não fossem imediatamente suspensos, consideraria a sua continuaçao como *casus belli*.

Lola Montez tem feito actos grandes em Baviera, onde o desgraçado rei Luiz chegou emfim ao ultimo extremo daquelle profundo abismo de miseria, em que por causa della tinha caido. Os dias 9, 10 e 11 do corrente forão em Munich dias de grande escândalo para o paiz, o de ainda maior vergonha para el-rei; desta vez porém quiz a Providencia (que nunca nos castiga quanto merecemos) que o infeliz soberano abrisse emfim os olhos sobre o excesso da sua desgraça, e que começasse, posto que tarde, a dar satisfação à Europa, e sobretudo ao seu povo, dos grandes escândalos que com a enormidade de seus desmanchos tinha causado. Deos queira que persever.

Tinham-se os estudantes de Munich, a exemplo do que se pratica nas outras universidades de Alemanha, lembrado de organizar associações, distinguidas umas das outras por nomes e cōres diferentes. Organizadas cinco das ditas associações com os nomes das cinco províncias da monarquia, tiverão outros mancebos a desgraçada ideia de organizar ainda uma 6.ª associação, de que a barregão do soberano aceitou o título de protector, e cujos membros, soberbos de tanta honra, ostentavão em publico com grande orgulho as cōres da favorita. Vinte cavaleiros, talvez *sans peur*, porém de certo não *sans reproches*, se alistárao nesta estranha milícia, a que derao o nome de Alemanha.

(Continua.)

INTERIOR.

Recife 24 de Abril de 1848

(Continuação do n.º antecedente.)

Em summa, o movimento reformista he geral em toda a Alemanha. Os diferentes povos dessa região reclamam a unidade da Alemanha, da mesma sorte que os da Italia reclamam a unidade da Italia; e não he provavel que os respectivos soberanos possam embargar este geral movimento para a reorganização das nacionalidades.

A opinião publica pronunciou-se igualmente em toda a Alemanha contra qualquer hostilidade a nova república francesa; e a própria Áustria declarou oficialmente ao governo provisório que não tinha tençao alguma de interferir nos negócios internos daquele paiz.

Eis-ahi as notícias politicas: quanto as outras sabemos, como era facil prever, que os fundos publicos se acham muito baixos, e as transacções commerciaes quasi paralisadas nos principaes mercados da Europa. Em Amsterdam appareceram diversos fallimentos importantes, como sejam os dos banqueiros Swarth e Schelwald, e Bleeker e Joosting. A casa Corp & Companhia suspendeu também os seus pagamentos, mas esperava-se que os reassumisse em breve.

No grão-ducado de Baden, os camponeses se reuniram em diversos pontos, e começaram a saquear os castellos e as casas dos recebedores dos impostos; do

Carlsruhe mandaram-se tropas para obstar essas agressões injustificáveis, e as últimas notícias recebidas daquela parte da Alemanha eram mais satisfeitas.

Agora fallaremos da França, ácerca da qual se espalharam os mais assustadores boatos, e até houve quem a reputasse entregue aos horrores da banca-rotta e de uma contra-revolução.

Procurámos com solicitude a fonte destes boatos, e deparamos com muito custo nas colunas do *Times* um panico momentâneo que assaltou os pequenos capitalistas da França, e algum descontentamento entre certas companhias privilegiadas da guarda nacional de Paris, que não ficaram satisfeitas com um decreto do ministro do interior, Ledru Rollin, o qual lhes tiraria os privilégios e as equiparária ás demais companhias.

Ao narrar os promenores desses acontecimentos, o correspondente do *Times* em Paris não se mostrou mui favorável á jovem república, e de alguma sorte representou o papel d'alarmista, o que atribuiu as demonstrações hostis da plebe dos departamentos do norte da França contra os operários ingleses empregados nos caminhos de ferro e diversos estabelecimentos industriais, existentes naquelas departamentos. Entretanto, todos os factos apresentados pelo dito correspondente, ou tem na realidade pouca importância para com a estabilidade da jovem república, ou só consequencia inevitável de qualquer revolução, e se podiam prever de antemão.

Com efeito, quanto á parte financeira encontrámos os factos seguintes:

Appareceram numerosos fallimentos. Os banqueiros Ganneron & Companhia suspenderam os seus pagamentos. Assochou-se o boato de que o proprio banco de França se achava abalado; os portadores de notas se dirigiram á esse estabelecimento afim de troca-las por moeda metálica; sendo tal a concorrência, que elles se viram obrigados a se collocarem (*en queue*) uns por trás dos outros em um comprido cordão, como acontece á porta dos theatros em dia de estreia de algum drama celebre. Emfim, o governo provisório baixou um decreto que aumentou o panico a tal ponto, que houve quem disse uma nota de 1,000 fr. por 105 fr. em ouro. Eis-aqui o decreto:

"Artigo 1.º A contar da data da publicação do presente decreto, as notas do banco de França serão recebidas como moeda legal, em todas as estações públicas, e pagamentos entre particulares.

"Art. 2.º Até nova determinação, o banco fica dispensado da obrigação de pagar as suas notas em espécie metálica.

"Art. 3.º A emissão do banco e dos estabelecimentos filiaes nunca poderão exceder a 350.000.000 francos.

"Art. 4.º Para facilitar a circulação, o banco de França fica autorizado a emitir notas de pequeno valor, sendo 100 francos o limite inferior."

Accrescentou o *Times* que a crise financeira graçava em toda a Normandia, e que alguns navios americanos que haviam chegado ao Havre com carregamentos de algodão, foram despachados imediatamente para Liverpool.

Na *Esphera Política*, achamos que o ministro do interior ordenara a dissolução das companhias, chamadas de *élite*, da

guarda nacional de Paris; e fundiu-as com as outras companhias; além disto decidiu que as eleições para officiaes fossem feitas, não por companhias, mas por batalhões. Esta medida parece ter causado grande irritação nos cidadãos soldados. Verificou-se no dia 14 uma reunião preparatória dos guardas nacionais da segunda legião, para discutir o merecimento dos candidatos que pretendiam o posto de coronel da mesma legião. Teve lugar uma discussão violenta entre os moderados e os exaltados ácerca da ultima decisão do ministro do interior. Rufaram-se os tambores na sala da reunião, e a assemblea se dissolveu tumultuosamente sem tomar decisão alguma. O correspondente do *Times* pretende que no meio da confusão se ouviram alguns vivas a Henrique V.

No dia seguinte, grande numero de guardas nacionais, pertencentes ás legiões de Paris e da *Banlieu*, dirigiram-se ao hotel de Ville, e exigiram a revogação do decreto da fusão. O governo provisório não atendeu a esta reclamação; e os guardas se retiraram dizendo que *aquele dia tinham vindo desarmados, mas que, se no outro dia o decreto não fosse revogado antes das nove horas, elles voltariam armados*.

Em seguida encontrámos na mesma gazeta o trecho seguinte.

" Esta ameaça produziu considerável alarma em Paris, e esta primeira demonstração de força e coragem da guarda nacional de Paris deve ser considerada como uma advertência aos comunistas e outros exaltados, afim de certifica-los que os guardas nacionais hão de proteger a propriedade e a liberdade publica e particular."

As reflexões do *Times* resentem-se da irritação que causou na Grã-Bretaña o procedimento da plebe do Havre e departamentos vizinhos contra os operários ingleses. A manifestação dos guardas nacionais não tem relação alguma com os direitos de cidadão, nem tão pouco com o respeito que se deve a propriedade. As companhias privilegiadas eram um contra-senso, á vista dos princípios proclamados pelo governo republicano; e a eleição por companhias deixava demasiado poder as influências de localidade. Estas companhias compunham-se dos cidadãos mais ricos, e constituíam uma especie de aristocracia que não podia continuar a subsistir sem ocasionarem conflitos funestos entre as companhias de *élite* e as do centro.

Portanto, o governo teve sobrejos motivos para tomar a decisão de que já falamos; e os guardas nacionais que tomaram parte na demonstração de 15 de março não representavam ideia alguma grande e generosa, mas um pensamento aristocrático, e de mesquinha vaidade.

Quanto ao alarma de que falla o *Times*, julgamo-lo destituído de fundamento. As companhias privilegiadas não passam de uma diminuta minoria no seio da guarda nacional, e o governo provisório nada tem a recuar por este lado. Quanto aos vivas a Henrique V; este facto, a ser verdadeiro, ainda he mais insignificante. A lembrança do ramo mais velho da casa de Bourbon se acha de todo extinta na memória do povo parisiense, e quando, nos primeiros dias do mes passado, a juventude legitimista *faubourg S-Germain* apresentou-se nas ruas, con-

vidando o povo a acclamar o legitimo descendente de Henrique IV, ella foi acolhida com exclamações de surpresa e perguntas ironicas, e retirou-se sem conseguir occasionar o menor tumulto.

A crise financeira e as dificuldades pecuniárias em que se acham o commercio e a industria da França, são causas mais sérias; mas, todavia, não devem inspirar grande receio para o futuro. A situação actual da França he, sob esta relação, menos assustadora do que o era a da Inglaterra no mes de outubro proximo passado. Os capitais que existiam em França no mes de janeiro ainda lá se acham hoje, e a crise actual apenas provem da desconfiança que apoderou-se dos pequenos capitalistas, ao vérem que o governo não podia restituir imediatamente os fundos depositados nas caixas de economia; desconfiança que em breve desaparecerá, assim que o governo for reconhecido pelas nações estrangeiras. O governo monarchico legára á república um *deficit* immenso; mas as providencias tomadas pelo governo provisório, em consequencia do relatorio do ministro da fazenda, permite-lhe satisfazer todas as despesas da administração e diminuir a importancia da dívida fluctuante. A dívida fundada da França, ainda que mui considerável, não he a quarta parte da de Inglaterra, e se não deve recuar de maneira alguma que o governo fulta aos seus contratos.

Os receios relativos a estabilidade do banco de França e o panico que se seguiu á sabia medida do governo provisório ainda são menos justificáveis. A somma total das notas emitidas pelo banco e pelos estabelecimentos filiaes não ha a quarta parte do rendimento anual dos impostos, e como hoje elles são recebidas nas estações públicas, não ha motivo algum para o extraordinário depreciamento de que o *Times* faz menção. Nas melindrosas circunstâncias em que se achava o commercio, e a vista das numerosas exigências de moeda metálica, feitas pelos portadores de notas, o banco não podia ao mesmo tempo reembolcar as notas e continuar o desconto das letras do commercio. Restringir o desconto era aumentar as dificuldades do commercio e tornar a crise ainda mais terrível; ao passo que a medida tomada pelo governo he a mais propria para facilitar as operações commerciaes e fazer com que as causas voltem em breve ao seu estado normal.

A 15 de março, o banco e os estabelecimentos filiaes ainda continham mais do 110.000.000 em moeda metálica, e a prudencia conhecida com que as operações desse estabelecimento sempre foram dirigidas deve remover qualquer receio de se achar elle comprometido nos fallimentos que até agora tem apparecido.

Entretanto, para aligeirar a crise, o governo decretará o estabelecimento de bancos nacionais de desconto em todos os centros de commercio; e o de Paris, que se achava definitivamente constituído, devia começar as suas operações sabbado, 18 de março.

A REVISTA.

22 DE MAIO.

No estado actual de desmoralização da sociedade brasileira, pode-se dizer, que se não fazem eleições entre nós, que não seja uma verdadeira batalha, ou antes uma especie de guerra civil, na qual, além das cabalas e trapacaz, é empregada a violencia aberta e tolerada como meio de triunfo. Os indiferentes e os timidos, ou a maior parte dos cidadãos qualificados, deixão-se ficar em casa no dia da luta que quasi sempre termina por fusão de sangue, e os grupos de cacetistas arregimentados pelos partidos contendores, e recrutados sem attenção as qualidades requeridas para votarem, nem á parochia em que o devem fazer, decidem da eleição pela força bruta, assoreando-se da sala eleitoral com exclusão total e absoluta dos vencidos. Nos casos em que intervem a força publica, esta obra de ordinario parcialmente, e faz pender a balança em favor de um dos grupos. E tão inveterado é este abuso, que ainda que as autoridades superiores estejam possuidas das intenções mais equidistantes, os agentes subalternos ou executores da ordens partidárias achão sempre meios de illudir essas boas disposições.

Este método de fazer eleições ja é como um direito consuetudinario dos partidos que, no intuito de se suplantarem mutuamente, cada vez encarecem mais no emprego de meios violentos. E seja isso devido a corrupção dos costumes, ou a desharmonia das leis reguladoras da especie com a constituição que em sua liberalidade quasi que permite o voto universal, ou a ambas estas causas reunidas, o que é facto é que as nossas eleições praticas estão em constante oposição com a theoría escrita, principalmente desde as instruções de 4 de Maio para cá. Ja em outra occasião mostramos como desde então o mal tem ido sempre engravecendo. Ao abuso da força acresce a immoralidade das eleições em duplicata que são, para assim dizer, consequencia necessaria do primeiro; por que o partido vencido, au excluido das urnas, não se accommoda com a sua sorte, e faz as suas eleições a parte, occasionando graves embarracos em todo o processo eleitoral.

Com este systema pratico tão vicioso, si é representada a maioria, o não é a minoria, e vice-versa, visto como um dos partidos contendores fica sempre excluido. A irem as cousas neste andar, tempo virá em que nem uma, nem outra, o seja, por que hão-de apoderar-se das eleições meros especuladores sem cor alguma politica, assas poderosas e corrompidas para dispor de maior somma de violencia e má fú, e fazel-as unicamente em proveito proprio, como se se tratasse ahí de qualquer lucrativo monopolio. Talvez que não esteja longe essa oporta, pois já entre nós ha mnto quem especula neste ramo de negocio em ponto pequeno, fazendo eleições puramente mercantis nesta ou naquelle freguezia, neste ou napuelle circulo. Daqui a empresas em maior escala bem pouco vai: haja capitais disponiveis, que atrevimento e despejo não hão-de faltar, para tental-o.

O correctivo dessemelhante abuso, ou antes de semelhante anomalia, está certamente na fusão reiterada dos partidos, ou na conciliação propriamente dita, a qual é, quanto a nós, o meio mais obvio e efficaz de dar ao partido excluido, senão representação efectiva e immediata, ao menos o equivalente della. As successivas e rápidas transformações de partidos por que passamos, não tem somente origem na carencia de verdadeiro antagonismo de principios, em um paiz sem classes privilegiadas, e cujas instituições são das mais liberaes que se conhecem, mas também nos proprios inconvenientes resultantes das viciossimas eleições praticas que possuimos. Por quanto se as maiores e minorias fossem regular e devidamente representadas, como o são em outros paizes em que se dá o regimen representativo, certo que não seria entre nós tão frequente o phénomeno das fusões, ligas e reorganizações de partidos, por que se faltava o verdadeiro antagonismo de principios, bastavão as reciprocas antipathias e as preteções oppostas convenientemente representadas, para conservar os partidos mais bem extremados entre si.

A tendência ou disposição para estas fusões está, de um lado no partido excluido que deseja a todo o transe ver se representado, e do outro nos grupos que se destaque do partido vencedor que não pode permanecer unido por falta de elemento oposicionista que lhe sirva de correctivo na representação do paiz. As opiniões que não podem alias estar em oposição senão sobre objectos secundarios, por isso que não existe verdadeiro antagonismo de principios, modificião-se diante da imperiosa necessidade de novas organizações ou recomposições de partidos, as quais se effectuam, para assim dizer, naturalmente: tanta é a disposição que para elles ha! Assim a conciliação que é um principio eminentemente social, não só encontra sympathias, mas elementos propios entre nós, e é por conseguinte a mais accommodada as circunstancias de tempo e lugar.

Em consequencia de uma recomposição destas, operada na administração do Sr. Franco de Sá, organizou-se a Liga Liberal Maranhense, ou Partido Conciliador, que adoptou por programma—o progresso material e moral—ou o desenvolvimento da industria e civilização do paiz, e vio coroada a sua politica de conciliação pela victoria que obteve nas eleições de deputados. Este partido conservou-se unido até as proximas passadas eleições de senador, mas os Srs. Janssen e Dias Vieira parece terem-se separado politicamente deles, e feito uma scisão, por occasião do convenio que celebrarão com os adversários, na madrugada de 23 do passado, sem conhecimento do partido, e sem interferencia dos outros membros proeminentes delle. E tanto mais é de suppor essa scisão, que um dos artigos secretos do tratado diz-se geralmente ter sido o inaudito sacrificio do candidato do partido—o Sr. Franco de Sá—, versando o arranjo apparente sobre a cessão de certo numero de eleitores, em que elles mesmos discordam essencialmente dos commissários da oposição. Seja como for, ahí bate á porta a reunião do collegio eleitoral da capital, que nos deve pôr patente toda a vergonha da capitulação desaírosa, ou traiçao, se tal é.

A vista deste facto extraordinario reunirão-se na noite de 11 do corrente, em casa do Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, cerca de 80 a 90 cidadãos do partido da Liga, quasi tudo gente grada, e creárao uma nova commissão directora, que fosse o centro ou governo do partido. Por essa occasião fizerao discursos analogos ao objecto da reunião os Srs. Drs. Franco de Sá e Bandeira Duarte, sendo notável o do primeiro pela precisão e clareza com que expoz a situação actual do partido em relação a corte e a província, seus recursos, illustração, e nobresa e utilidade de seus fins.

O partido professa os mesmos principios conciliadores de moralidade e utilidade social, os quais reunirão em torno de sua bandeira muitas das principais ilustrações e capacidades da província, e continuaráo sem duvida a reunir muitas outras, porque as suas fileiras estão sempre abertas para receber os homens honestos de todos os lados politicos, que se quizerem com elle harmonizar, no intuito de promover a felicidade publica. E se estes principios, como temos demonstrado, erão até aqui os mais accommodados a nossa situação politica, o são certamente ainda mais agora, n'uma época tão pejada de acontecimentos graves no mundo civilizado d'alem do Atlântico; ou antes n'uma época em que toda a Europa se agita e move como um só homem para conquistar instituições liberaes que estejam a par de sua civilização, e em que a America que felismente ja conquistou essas instituições, só necessita de calma e repouso para fruir os benefícios que elles prometem. Na Europa essa agitação é legítima, porque as instituições não estão na altura da civilização, na America, ao contrario, elle seria deslocada, porque as instituições marchão adiante da civilização. Instituições liberrimas temos nós; do que carecemos é, de melhoramentos materiais, e de riquesa industrial e intellectual. Trabalhemos pois para seguir-o e seremos felizes, tanto os brasileiros, como os americanos em geral. Sim; a conciliação não é senão um meio de realizar este grande pensamento civilizador que constituiu a verdadeira grandeza dos povos antigos e modernos, Fenicios, Cartaginezes, Hollandezes, Ingleses, North-Americanos, &c., porque a verdadeira conciliação quer dizer tregua a rancorosas paixões politicas, e aplicação de todas as forças sociais a um nobre fim de utilidade publica, qual seja o desenvolvimento da industria e riquesa do paiz. Sim; a conciliação repetimos, que neste artigo que escrevemos com toda a imparcialidade de que somos capazes, propomos aos nossos concidadãos, como a politica mais adequada a prosperidade dos Maranhenses, na actualidade das circunstancias.

(Continua)

—Com este n. finaliza o 34.º e principia o 35.º trimestre da Revista: roga-se aos sers. assinantes que continuem a reformar as suas assinaturas.

AVISO.

—Hum Anônimo, por mão do Sr. Gonçalo de Oliveira, deu d'esmola cinco mil reis, para o Sr. dos Navegantes. Maranhão 28 de Abril de 1848.

O Thesoureiro da Irmandade.
Manoel José da Silva Nogueira Ourives.